

AMÓS OZ
RESUMO

Conferência: *Meus livros, meu país, minha política*

Por Luciana Thomé

O humor, a curiosidade e o dom da literatura

Com humor, análises contundentes e evocando a criatividade, o escritor israelense Amós Oz falou sobre política, fanatismo, literatura, empatia, judeus israelenses e árabes palestinos em conflito em sua conferência no *Fronteiras do Pensamento*, em Porto Alegre. Reconhecido por sua obra de ficção e candidato recorrente ao Prêmio Nobel, ele tem se consagrado nos últimos anos também como ensaísta, sendo autor de *Como curar um fanático* e *Mais de uma luz*, livro lançado oficialmente na ocasião.

Durante sua fala, discorreu e traçou paralelos sobre três temas distintos: sua visão política, seus livros e as características dos judeus em sua trajetória ao longo dos tempos. Segundo ele, Israel é formado por uma das sociedades mais individualistas do mundo, com larga experiência em argumentação e polêmicas. “Nós somos uma nação de 8 milhões e meio de cidadãos judeus, árabes e de outras raças e nacionalidades. São 8 milhões e meio de pessoas que são primeiros-ministros, profetas e messias. Cada israelense com a sua fórmula pessoal para a redenção instantânea. Todo mundo fala alto e ninguém ouve o outro. A não ser eu. Eu ouço, às vezes. Porque eu ganho a minha vida como escritor, ouvindo os outros.”

Oz classificou os judeus como uma civilização com gene anárquico, que discute, briga e polemiza uns com os outros. “Uma civilização de textos muito antigos e interpretações variadas, seguidas de reinterpretções e depois contrainterpretações. Todo mundo tem a sua própria opinião e cada um tem a sua ideia e a sua perspectiva. Somos uma nação de professores sem nenhum aluno.” Este é o aspecto que o escritor considera atraente em seu povo. O que não é interessante são os índices crescentes de fanatismo, extremismo, manifestações de racismo e falta de tolerância. Um fenômeno que está ocorrendo no mundo todo. “Quanto mais complexos são os problemas da vida, mais as pessoas pedem respostas simplistas. Os fanáticos sempre podem oferecer uma resposta simplista. Um fanático sempre vai dizer de quem é a culpa, ou quem deveria ser destruído para salvar o mundo. Eles sempre irão transformar a realidade num filme hollywoodiano com o mocinho e o vilão.”

Apresentação



Patrocínio



Parceria Cultural



PUCRS



Universidade Parceira



Empresas Parceiras



Parceria Institucional



Apoio Institucional



Promoção



Uma resposta simplista que resolva todas as questões complexas e difíceis do mundo é, para Oz, a sedução do diabo. “Israel tem seus fanáticos. Eles existem, mas um dos antídotos para o fanatismo é o ceticismo. Outros antídotos são a curiosidade e o senso de humor. Na minha vida inteira eu nunca vi um fanático com senso de humor. Nunca vi uma pessoa com senso de humor se tornar fanático, pois o humor é a capacidade de rir de si mesmo. O humor é conseguir se ver como os outros nos enxergam.”

Israel, assim como outros países, não está imune ao fanatismo. Mas é um lugar onde este gene anárquico, como Oz classificou, é ainda mais evidente. “Os judeus nunca tiveram um papa, nem poderiam ter um. Porque, se alguém, ele ou ela, declarar ‘Eu sou o papa dos judeus’, todos os judeus vão chegar nessa pessoa, dar tapinhas nas costas e dizer: ‘O senhor não me conhece e nem eu o conheço. Mas a minha vó e a sua tia faziam negócios em Minsk na Bielorrússia ou em Casablanca no Marrocos. Então, caro papa, fique calado cinco minutos e me deixe explicar de uma vez por todas o que é que Deus realmente espera de nós’. Isso que eu estou dizendo a vocês é a essência da civilização judaica em tempos bons.” Uma religião e uma civilização que tiveram um momento único em sua história: quando Abraão, o pai dos judeus e árabes, um homem de carne e osso, afirmou que Deus, mesmo sendo o criador do universo, não poderia estar acima da lei.

Consolidou-se assim, de acordo com Oz, este gene anárquico que permanece até hoje, especialmente em questões complexas, dolorosas e fatais como o conflito entre Israel e a Palestina. “Na verdade, muitas e muitas pessoas, inclusive aqui no Brasil e em *campi* acadêmicos no mundo inteiro, tomam lado. Geralmente, ficam contra Israel, sem se importar muito com detalhes. Eles querem assinar uma petição dando apoio aos bons e participar numa demonstração contra os vilões. E depois vão dormir se sentindo realizados. Senhoras e senhores, entre Israel e a Palestina não há um mocinho e um vilão.” O escritor ressaltou que, no século XX, os conflitos eram mais definidos: fascismo, Gulag, campos de concentração, câmaras de gás, Vietnã ou Apartheid. A luta contra o inimigo era para proteger aqueles que estavam sendo oprimidos. No conflito israelo-palestino, as nuances são bem menos elucidadas, pois este é o único território que as duas nações reconhecem como seu no mundo. “Então, é um conflito entre o certo e o certo. Esta é minha definição de uma tragédia. E a diferença entre um filme ruim e uma tragédia grega complexa, é que na tragédia nós temos um conflito entre quem está certo e quem está certo. Às vezes, com injustiça e mais injustiça. Acredito que esta tragédia só poderá ser resolvida com um acordo, um meio-termo. Acho que pessoas decentes no mundo inteiro não precisam escolher se são a favor de Israel ou a favor da Palestina. Têm que ser a favor da paz.”

Apresentação



Patrocínio



Parceria Cultural



Universidade Parceira



Empresas Parceiras



Parceria Institucional



Apoio Institucional



Promoção



Oz afirmou que onde há vida é preciso que haja um acordo. E o contrário de acordo não é idealismo ou integridade. O seu oposto é fanatismo e morte. E o amor, neste cenário, é um *commoditie* raríssimo. “Sei que cada um neste auditório consegue amar cinco pessoas. Talvez dez. Talvez quinze. Mas se você diz que ama centenas de pessoas, isto não é amor. Pode ser algo amigável, positivo e simpático, mas não é amor. Amor é uma coisa rara, um mineral raro e íntimo. Se alguém disser que ama a América do Sul, ou adora os países do Terceiro Mundo ou ama o sexo feminino, não ama nada.”

Amós Oz declarou que acredita em solução, e não em salvação. E sua ética é similar a um médico do interior, mantendo a inspiração em seu mentor literário, o russo Anton Tchekhov, que era médico. “Quando você vê um paciente que está com muita dor, sofrendo com perigo de morte, você tem que fazer tudo o que pode para salvar a vida daquele paciente. Para aplacar a dor e para curar aquela pessoa que está sofrendo. O seu negócio não é resgatar essa pessoa, nem salvar. O seu negócio como médico não é a salvação. Eu acredito em soluções pragmáticas, e não em salvasões metafísicas. E soluções são acordos.” Nesse processo, perde-se um aspecto importante para ganhar outro aspecto importante, como expor o paciente a um ou dois perigos para salvá-lo do perigo fatal da morte. “Eu acredito que Israel e a Palestina têm que ser vizinhos. Dois Estados vizinhos. Eu acho que não faz sentido os teóricos e os sonhadores radicais acreditarem que israelenses e palestinos têm que parar de lutar e começar a se amar e entrar numa cama em lua de mel. Isso não funciona depois de cem anos de raiva, injustiça, opressão, derramamento de sangue e terrorismo. Simplesmente não pode funcionar.”

De acordo com o escritor, a solução de dois Estados é o caminho mais possível para o fim dos conflitos. Este é o seu desejo e a sua posição política. “Primeiro, nós temos que dividir uma casa, que já é pequena, em dois apartamentos independentes. Israel de um lado, a Palestina de outro. Depois, os dois aprendem a não lutar um contra o outro. Talvez eles consigam dizer educadamente bom-dia quando se encontram na escada do prédio, por exemplo. Depois, quem sabe, um vai tomar um café na casa do outro. Quem sabe, como, às vezes, vizinhos fazem. Eu espero que seja café árabe, que é muito melhor do que o café israelense. Quem sabe um dia vão tomar um café juntos. Vão começar a falar da estupidez passada. Isso um dia vai acontecer, porque um dia essa solução vai acontecer. E nós vamos nos perguntar: mas como é possível que nós tenhamos sido tão idiotas que não chegamos a essa conclusão tantos anos antes?”

A notícia boa, conforme anunciou Oz, é que existe o início de uma fadiga em ambos os lados. “Eu acredito muito em fadiga como uma grande cura de conflitos, não só entre nações. Mas entre

Apresentação



Patrocínio



Parceria Cultural



Universidade Parceira



Empresas Parceiras



Parceria Institucional



Apoio Institucional



Promoção



indivíduos também. Entre seres humanos. Marido e mulher. Pai e filho. Irmãos. Cada uma das partes do conflito ainda acredita que ela tem razão e o outro está totalmente errado. 'Mas eu estou cansado, vamos chegar a uma solução prática e vamos coexistir. Não com felicidade, mas vamos conviver.' E eu estou vendo uma bênção dessa síndrome de fadiga em Israel e na Palestina. Esta fadiga é boa. Não para os fanáticos. Os fanáticos de ambos os lados não descansam nunca, não dormem nunca. Eles não sabem o que é fadiga. Mas, felizmente, os fanáticos são minoria." No entanto, por seus posicionamentos, Oz é frequentemente chamado de traidor por seus conterrâneos. Ele citou vários nomes de intelectuais e políticos que estiveram nessa mesma posição, à frente de seus próprios tempos, como Émile Zola, Thomas Mann, Abraham Lincoln, Charles de Gaulle, Mikhail Gorbachev, David Ben-Gurion, entre outros.

Esta é a linha que o israelense gosta de deixar bem definida: a distância entre o seu trabalho como ensaísta e intelectual atuante politicamente da sua atuação como escritor de ficção. Quando ele está com raiva, escreve um artigo ou ensaio. Mas a literatura vem em momentos de desacordo e incômodo. "A cada vez eu acho mais do que uma voz em mim. Descubro que estou em desacordo emocional e intelectual comigo mesmo. Muitas vezes eu sei que há justiça de ambos os lados e em vários personagens. É como se eu estivesse grávido de um livro, e não de um artigo político. Quando eu digo grávido, eu devo revelar a vocês que pelo menos na minha carreira literária houve muito mais abortos do que nascimentos dos meus livros."

Da mesma forma, muitas vezes os personagens de seus livros têm pensamentos e posicionamentos distintos do autor. "Eu escrevo sobre pessoas que acreditam em coisas em que eu não acredito. Mas eu escrevo com curiosidade, com compaixão, com humor. E até com um certo fascínio, mesmo não concordando com eles. Vocês não vão encontrar raiva nos meus livros. Nenhum dos meus personagens é doce. Tem pessoas doces e simpáticas na minha vida. Mas eu não vou escrever sobre pessoas muito meigas. Não tem graça. Ao mesmo tempo, ninguém é um vilão tenebroso, de sombras. As pessoas têm muitos lados, muitas dimensões. As pessoas têm muitos aspectos de si próprios. E eu realmente me dedico, me empenho a entender os outros."

A força propulsora que move a sua literatura, como ele explicou, é a curiosidade, um antídoto poderoso contra o fanatismo. Oz contou sobre um hábito de sua vida, de acordar todos os dias às 4 horas da manhã, e caminhar pela cidade escura e deserta. De acordo com ele, esse é o momento em que todas as coisas voltam para a sua proporção. "E, às vezes, durante a minha caminhada, eu vejo que todos os prédios estão escuros, nas casas está todo mundo dormindo. De repente, eu vejo uma luz acesa. Uma vez ou outra eu vejo uma mulher, sozinha, na janela. Ela

Apresentação



Patrocínio



Parceria Cultural



Universidade Parceira



Empresas Parceiras



Parceria Institucional



Apolo Institucional



Promoção



olha para fora e é noite. Ela não vê nada. Eu estou vendo ela, mas ela não me vê. Eu olho para ela não pelos motivos que vocês estão imaginando. Quer dizer, não somente pelos motivos que vocês imaginam. Mas eu olho para ela porque eu sou uma pessoa curiosa. Eu não sei quem é. E me pergunto: por que uma mulher está acordada às 4 horas da manhã? O que será que aconteceu na vida dela? Será que está com raiva? Será que está triste? Será que está esperando alguém chegar? E, às vezes, isso é a semente de uma história que eu vou escrever. Aí eu volto para casa, eu faço um café bem forte – café brasileiro – e começo a escrever. No escuro. Lá fora ainda é noite.”

Oz ressaltou que a curiosidade é o pré-requisito para qualquer trabalho intelectual e também deveria ser considerada uma virtude moral. “Eu acho que uma pessoa curiosa é uma pessoa melhor do que uma pessoa que não tem curiosidade a respeito de nada. Porque uma pessoa curiosa procura se colocar, ele ou ela, dentro de uma outra pessoa. Não para se identificar totalmente com eles. Só para ter um entendimento melhor. Eu digo a vocês: uma pessoa curiosa é um melhor pai de família do que uma pessoa que não tem curiosidade. Vai ser um melhor cônjuge, melhor filho, melhor irmão, ou melhor vizinho. Eu acho até que uma pessoa curiosa dirige melhor na estrada.” E, com o humor que lhe é muito característico, completou que os curiosos também podem ser melhores amantes. “Eu sei que a plateia vai querer que eu dê exemplos e que fale sobre este aspecto. Mas é um pouco tarde ou um pouco cedo para entrar em detalhes sobre este aspecto de curiosidade. Leiam meus livros.”

Encerrando a fala, abordou sobre aquilo que considera não o papel, mas o dom da literatura. Especialmente da boa literatura. “Ela leva o leitor a uma jornada fascinante na mente, na alma, nas emoções e na sexualidade de pessoas tão diferentes. Gerações, países, estudos, formações e línguas diferentes. Esta é a dádiva, a bênção da literatura. Nos torna mais abertos para os outros e, portanto, tendo um entendimento melhor de nós mesmos e como nós somos aos olhos dos outros. Nos tornando, quem sabe, um pouco mais imunes ao fanatismo que, como eu já disse, é a praga da nossa era”, finalizou.

Apresentação



Patrocínio



Parceria Cultural



Universidade Parceira



Empresas Parceiras



Parceria Institucional



Apolo Institucional



Promoção

